

ENTREVISTA: ACADEMIA DOS IMORRÍVEIS*

Acender as velas já é profissão

por Letícia W. Magalhães e Marco Aurélio da Conceição Correa

***In media res: no meio do caminho tinha uma pedra*¹**

Quando se pensa em coletivo, a ideia mais recorrente é a de um conjunto que forma uma unidade em relação a interesses, sentimentos ou ideais afins. Tanto é que essa é uma das acepções do termo no dicionário. De todo modo, coletividade não é sinônimo de unanimidade. Para nós, o coletivo de escritores **Academia dos Imorríveis**, essa premissa é mais do que constatada. A começar pelo nome: foi uma briga, como é basicamente tudo quando se trata desta turma. Turma, turma mesmo, 40 pessoas, toda semana no mesmo bat-local e horário é que essa história começou.

Era abril de 2024, iniciava-se mais uma edição da Universidade das Quebradas, um projeto de extensão da UFRJ ligado ao PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) e idealizado por Heloísa Teixeira desde 2009. Como Helô tinha entrado para a Academia Brasileira de Letras há pouco tempo, foi a primeira edição deste projeto naquele espaço. Contam os corredores, inclusive, que ela resistiu à imortalidade num primeiro momento, aceitando-a

* Créditos dos Imorríveis ao final da entrevista.

¹ Mantivemos a informalidade das trocas dialógicas nessa conversa animadíssima a muitas vozes.

com a condição de levar junto os “quebradeiras” para dentro da ABL. E foi a partir desse mesmo epíteto que o patrono daquela casa foi estudado ao longo de oito meses: “Machado Quebradeiro”.

Viajante Lírico, arte-educador e poeta, relembra uma das aulas, a qual foi um divisor de águas ao longo do curso de formação de escritores: [...] *acho que um dos momentos mais fortes dos nossos encontros foi quando tivemos aquela aula com aquele imortal né, mano. Isso tudo juntou ainda mais a gente. Até pessoas que ainda não tinham trocado muita ideia e eram distantes se juntaram para criticar.*

Ao recordar do caso, a temperatura aumenta e **Marco Aurélio**, professor dos pequenos do Fundamental 1, acrescenta: *Olha, eu lembro muito da aula desse imortal, nossa, foi um quebra-pau! Acho que todo mundo ali meio que estava tenso, se tremendo na cadeira.*

Porém, como se percebe nas palavras do **Viajante**, *depois desse dia a turma se tornou uma turma. Não tinha como evitar, mas o importante é a união que vem a partir desses conflitos. [...] Essa diversidade da turma é essencial, e todos esses atravessamentos da formação fizeram a gente crescer enquanto movimento. Passamos a ver coisas em comum. Tudo bem, somos diferentes, mas, pô, nisso aqui a gente tá junto, a gente tem que se juntar, tá ligado?*

Anelise Martins, que escolheu a escrita literária como um caminho de memória, concorda: *a nossa coletividade passa por um lugar de cura, e isso é muito doído. E não é romantizando essa cura, isso é utópico. Até porque a gente vai se engalfinhar, vai bater de frente, vai discutir, vai discordar para caramba. Mas discordar entre os nossos é diferente de apanhar de alguém que, na estrutura da sociedade em que a gente vive, está num lugar que é um lugar de poder sobre você, sabe?*

É por isso que faz sentido ter um coletivo que nasce de uma estrutura, a gente se conheceu dentro do espaço de oficialização ali, né? No institucional. Mas a gente vai traçando um caminho que faz sentido para a gente dentro dessa coletividade.

Ao relembrar o início desse movimento, ela fez uma ressalva: *a gente tinha essa delimitação ali, mas a vida acontecia mesmo depois quando a gente ia pro bar. Posso mencionar o Surubão?*

Um bom tropeço: o Surubão

Sigamos com **Anelise**: *quando a gente ia pro bar, era pra poder dar aquela desopilada e entender o que aconteceu no espaço oficial, formal. A partir desse desejo, outras pessoas também foram para outros bares, e no fim juntou todo mundo e teve esse movimento de criação do Surubão que é um espaço coletivo, mas não era um espaço que se visava num lugar de oficialidade. Era aquela delícia de você estar trocando, você estar rindo, e aí tem alguém recitando, mas tem alguém gritando do outro lado, eu não sei o quê, eu não sei pra onde é que eu olho, meu Deus. Então, o Surubão vinha nesse lugar de uma coletividade, mas uma coletividade não-oficial.*

Não-oficial, porém, com regras. Ou, como um sticker que rolava direto entre a galera: “parece loucura, mas tem método”. Slammer, **Viajante** conta um pouquinho como é que funciona o rolê:

No slam a gente fala que nenhuma poesia começa em silêncio; sempre rola o grito que é pra chamar a atenção e mandar uma energia para o poeta recitar, né. O silêncio é só durante a poesia, salvo os momentos de uma frase mais impactante, quando a galera costuma fazer um barulho.

E quando a gente pensa o Surubão como ambiente, é normalmente uma mesa de bar. Então, tem muito do grito do slam, porque

tem conversas paralelas, rola um assunto aqui, outro na ponta da mesa... E o grito traz essa ponte entre as conversas paralelas, no tipo de: “ó, um poeta vai recitar agora, sabe, vai rolar uma letra forte aqui, vamos mandar uma energia pra isso”. O grito chama atenção, manda uma energia e quando a gente faz junto, eu acho que rola essa troca.

“Atenção, quebradeiras, começou o Surubão! Ei, poeta, abra seu coração!”.

Tipo assim: abre seu coração, esse é o seu lugar, é onde você não vai ser julgado, onde você não vai ser apontado, legal, abre seu coração, é um lugar mesmo de conforto, tá ligado? Meu corre com os slams é justamente esse: mostrar que para além de uma batalha de poesia, o slam é também esse lugar de afeto, de acolhimento. E é como eu enxergo o Surubão: um lugar de afeto, de acolhimento, de identificação, de resistência.

Nesse sentido, arriscamos aproximar nossa suruba poética da descrição que o narrador do famoso conto machadiano, “A cartomante”, faz do bilhetinho recebido da amante:

Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. (...) Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória, delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedre-

gulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos.

No nosso caso extraconjugal, também não tardou para que o Surubão fosse um conforto e o sapato se acomodasse aos pés. Mas, um dia, a carta anônima chegou transfigurada em século 21, bagunçando os famigerados grupos de WhatsApp.

Foi preciso uma acareação na qual todes – surubeiros, poetas, prosadores e professores – puderam abrir seus corações dentro da própria ABL e, num olhar que só a retrospectiva permite, ali foi lançada a pedra inaugural da Academia dos Imorríveis.

Para compreender a importância dessas pedras no meio de nossos caminhos, nada melhor do que um dito dos mais velhos das sabenças de matrizes africanas: “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”.

Caminhos abertos: a Academia dos Imorríveis

Como a Festa Literária das Periferias vinha se aproximando, assim como o Julio Ludemir, seu idealizador e parceiro antigo tanto da Helô e da UQ quanto de vários quebradeiras, foi o pulo do gato que a turma precisava pra suruba se expandir.

Isto é, fomos convidados a integrar a programação da FLUP em dois momentos – uma apresentação no Terminal Gentileza e um sarau na Casa de Luzia, na Lapa. Mas, com esse nome?

Denise Lima, quebradeira, escritora e produtora, explicou que, oficialmente, com verba, portfólio e tudo o mais, Surubão não.

Pronto, voltamos ao começo. Qual seria, então, o nome desse forrobodó?!

De um lugar de calma, como ela própria diz, **Anelise** nos ajuda a entender:

Se a gente usa surubão, surubão, surubão, onde a gente consegue entrar, onde a gente não consegue entrar? Quem conseguimos alcançar e quem não?

Eu paro pra pensar: se eu chego na minha cidade, São João do Meriti, e falo Surubão, ninguém vai entender que o surubão é poético. Isso cria uma barreira também com quem tá recebendo – pra gente tem um significado, mas pro outro pode ser que tenha uma barreira ali. Não é uma necessidade de uma certa oficialização, mas de um pensar até em quem a gente vai alcançar, sabe? Porque alcançar a nossa bolha é fácil, a gente já tá nela. Como é que a gente alcança pra fora dela também?

E aí, a partir desse momento em que a gente consegue enfim pensar nesses alcances, conseguimos começar a projetar também o que queremos pro futuro. Pra mim, é isso o que é a Academia.

eric paiva, escritor, roteirista e afrofuturista, complementa o balaio:

Tem essa coisa do entendimento do que é a Academia, mas também tem a formação do Surubão: as pessoas querem estar ali para estar no grupo, para estar em um grupo, com pares, mas não existe uma ideia de construir um projeto juntos, de forma mais estruturada. Então tem esses dois movimentos, o Surubão Poético ainda continua, ele tá vivo, tem força, pessoas..., e a Academia dos Imorríveis tá em paralelo.

Existem esses dois mundos e tal, mas como somos novos, ainda é todo um processo para ver qual caminho vai ser construído a partir disso, e até a ideia de ser vertical ou horizontal, entender como isso vai se dar, por enquanto ainda é um pouco anárquico.

Se essa rua, se essa rua...:

a nossa trilha com pedrinhas brilhantes

Deixando o Surubão de lado, pelo menos por enquanto, é necessário recomençar do começo e buscar delinear o que seria o imorrível de nossa Academia. Há uma polifonia de definições que ora estão no mesmo ritmo, mas em muitos momentos seguem sua própria melodia. A nota em comum é afirmar que é um ser em afronta com o instituído ao mesmo tempo que busca uma coletividade com seus pares.

Ionara S. de Oliveira, poeta, professora e diva, é quem dá o play primeiro:

Pensar que a vida da gente é construída por ciclos e que há sempre tempo para aprender independentemente de idade, acho que isso é importante ressaltar, né? O desejo de aprender sabendo que tudo aquilo que se aprende ganha uma visão a partir do momento que a gente partilha com os outros que são nossos contemporâneos.

E isso tem tudo a ver com essa questão de sermos imorríveis, daquilo que vai ser deixado, e meio que a profissão do professor envolve uma semente que talvez você não vá colher – às vezes sim, às vezes não. Ser imorrível tem esse sentido que de alguma maneira vai servir não só naquele momento, mas em outros também.

Porque, assim, a ideia de imortal tem a morte, também de estou além da morte; imorrível me dá a impressão de ter uma transcendência, é em vida uma luta para que não permitam que a gente morra.

Você coloca sua voz no mundo, é uma forma de você resistir a essa questão de todo dia ter alguém querendo te apagar, ter alguém querendo tornar você invisível, como fizeram com Carolina de Jesus, como fizeram com outros escritores e escritores negros... com os indígenas, né?

Wallace Cruz, escritor, guitarrista e artista de trem, faz coro:

Eu me considero imorrível por estar em coletivo. Porque entendendo que não é só sobre mim, é sobre o que a gente constrói junto. As vivências e percepções que cada pessoa traz fortalecem o que eu também construo. Mais do que isso, me ajudam a pensar o que posso deixar como contribuição. Ser imorrível, pra mim, é saber que o que eu faço não morre comigo. Fica. Pode ser deixado pra minha comunidade, pra que ela se reconheça, se fortaleça, se enriqueça.

Tal resposta vai ao encontro da de **Marco Aurélio**:

Pra mim, imorrível significa aquele trecho de Conceição Evaristo: “eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer”. Tal dito faz parte de um dos contos do seminal Olhos d’água, livro premiado com um Jabuti, onde a autora narra lágrimas de felicidade e tristeza na imensidão do que é ser negro.

Ser imorrível está nessa transgressão do esperado, ou seja, vai muito além do ser apenas mais uma forma de se organizar contrária à política de morte brasileira. Ser imorrível é contrariar as estatísticas rindo na cara do perigo.

Viajante soma a essa troça ao dizer que:

O imorrível é um termo mais popular, traz pra brincadeira, pra coisa da subversão e eu acho que isso tem mais a ver com autores populares, tá ligado? Não necessariamente se encontra na academia, mas sim nos saraus, nos slams, nas praças, na poesia e nas feiras literárias. Assim, o ser imorrível é um contraponto além do

ser imortal, pois não é apenas sobre viver, mas sim sobre o que você está disposto a morrer por. E, no caso dos escritores da Academia dos Imorríveis, lutamos em vida pelo direito de uma literatura que contemple diferentes vozes, inove em estilos, e experimente formatos [...] mostrando que você não tem que estar na academia para que você possa ter a sua escrita imortalizada.

O contraponto ao imortal começou como uma chacota, mas não perde o tom crítico de ironia, conforme **eric** recorda:

Acho que para mim foi mais uma brincadeira, inicialmente, porque não permitirão que nós estejamos aqui [na ABL] como imortais. Já que a gente nunca vai fazer parte desse lugar, seremos imorríveis. E aí é uma espécie autoafirmação pra colocar esse movimento das pessoas ali dentro como escritores, mesmo sem um consentimento, um aval. Por mais que tenha instituições que se colocam nesse lugar, pra cada hora dar relevância aos seus, acaba que a gente entra nessa, vou colocar bem entre aspas, nessa “brincadeira” também.

Mas, a partir do momento em que você se apropria disso – e aí eu vou falar no meu caso, porque isso passa por quase tudo que eu faço, essa lógica de que há ao seu lado uma sociedade que massacra um determinado grupo –, essa ideia de ser imorrível começa a fazer um pouco mais sentido, porque você vê lá atrás que muitos sobreviveram e lutaram para que você esteja aqui.

Cara, lá atrás eles tiveram as lutas, cada qual com suas facetas, erros e acertos, e acaba que esse é o nosso agora, por mais que a literatura não tenha um papel tão grande na transformação social, de forma imediata, como a gente gostaria que tivesse. Essa semente que a gente vai plantando, essa ideia de imorrível é uma espécie de resistência, mais um processo de resistência.

Letícia W. Magalhães, professora e prolixa, engrossa o caldo:

Quando eu penso em imorrível, imediatamente me remeto a um encontro na Pequena África, região portuária do Rio de Janeiro, quando, num Surubão, pronunciei essa palavra imaginando, quase como o protagonista do conto “Um homem célebre” de Machado, que estava inovando no termo. Santa inocência! Nem sabia que já havia tantos imorríveis andando pelas nossas bocas por aí. Quer dizer, imaginar eu imaginava, tanto é que “meu” neologismo veio da ideia de viver e sobreviver apesar da morte em vida. Nesse sentido, imorribilidade se distingue da ideia de imortalidade porque a nossa permanência é, nas palavras de João Cabral, “defendida”, não alçada a um lugar de certo modo já garantido e visibilizado.

Nesse descompasso de definição, entra na roda **Marco Aurélio** com uma tentativa de pôr ordem no pagode: *no fim sabemos que todo mundo morre, e o que importa é o quanto a gente brinca e se diverte com tudo que tem entre a vida e a morte. A gente tem essa característica de ser formal e político, mas também temos um pouco dessa manha, esse jeitinho de lidar com o sistema.*

Brincadeira é coisa séria: tem que ser, sendo

“Machado é cria” era uma das possibilidades de título da coletânea literária resultante do supracitado curso de formação de escritores. Acabou sendo descartado, mas, para além da epistemologia de cria, podemos pensar nesse vocábulo também como rebento e desdobramentos. Nessa perspectiva, vale mencionar os *Escritos ladinos de memórias póstumas*.

Documentário idealizado e produzido por **eric paiva**, não deixa de ser uma cria, tanto com o “bruxo do Cosme Velho” quanto

com os demais imorríveis, considerando que ele foi todo filmado nas diferentes dependências da ABL. Nas palavras do diretor:

O documentário ainda está num processo e é gigantesco. Jesus, ajuda! É uma quantidade absurda de entrevista, de gravação... Então, ainda tem um corre pra isso ficar pronto.

Ao longo de todo esse longo caminhar, é preciso também pensar na distribuição e como isso se atrela à escolha do nome; nada passou despercebido ao autor do recém-lançado *Crônicas de um afroamanhã*:

A ideia dos 'escritos ladinos' fala sobre nós, é justamente isso, todo mundo escrevendo em paralelo para um lugar só. E 'memórias pós-tumas' é também uma espécie de marketing em que você usa as "Memórias póstumas" do Machado como referência. Mas eu tenho também um pouco de memórias póstumas no próprio fazer do documentário, são memórias pós-algo, né? E até do texto...

Tem todo um balé aí, sabe? Quando o texto entra no livro, morre. Filosofal? Mas pode ficar um tempo nisso aí, o ovo e a galinha da literatura.

Nessa toada, **Christine Lima**, psicóloga e dançarina, reforça a crença em uma escrita que nasce de corpo inteiro:

Eu considero a dança um tipo de escrita. Quando danço, meu corpo se torna linguagem, gesto, memória viva. Cada movimento carrega uma história, uma emoção, um território. A dança me permite dizer o que muitas vezes as palavras não alcançam.

Dançar, pra mim, é escrever no tempo e no espaço, com o corpo como instrumento de expressão e resistência. É uma forma de narrar o mundo a partir do que vibra em mim — minhas alegrias, dores, lutas e heranças. A dança, especialmente dentro das tradições

afrodiaspóricas, é escrita coletiva, é roda, é chão de aprendizado. É também gesto político, afirmação de identidade, reexistência.

Quando estou em movimento, escrevo histórias que os livros muitas vezes não contam, mas o corpo guarda. E é nessa escrita que me encontro, me comunico e deixo marcas que tocam o outro para além da fala. Por isso, pra mim, dançar é também ler o mundo com o corpo e escrever novos futuros com os pés, com o ventre, com o peito aberto à vida.

Thais Carvalho, acadêmica de várias academias e mestra em Teoria da Literatura pela UFF, também traz partes do corpo em suas resenhas, e explica como a Academia dos Imorríveis, a seu ver, funciona como um sistema interdependente:

Sinto que a Academia dos Imorríveis é uma das muitas células de revolução molecular que operam no nosso tempo, nesse tempo estranho e extremo. Revolução molecular porque não é em bloco, e sim através de dissidências e desvios. Vejo que é isso que nos sustenta como coletivo, o fato de sermos dissidentes e desviantes em muitos sentidos: social, racial e economicamente. Além disso, cultural, racional e academicamente. O que queremos propor são novas e diversas formas que não se encaixam no pensamento ocidental e acadêmico tradicional, na tradição literária canônica e/ou comercial. Não temos uma cartilha para definir que novas formas serão essas, daí talvez venha a liberdade criativa que a Academia dos Imorríveis nos proporciona e que considero tão preciosa: queremos recuperar a arte como essa ilha de liberdade dentro do mar de colonialismo em que vivemos.

(...) Nos lemos muito uns aos outros dentro da Academia dos Imorríveis, e acho que conseguimos desconstruir bastante a ideia de que a arte se faz na solidão, a ideia de autoria, principalmente, porque

muitas coisas escrevemos a partir do que foi escrito pelo outro, a partir de conversas, e muitas coisas reescrevemos depois da leitura de pessoas do grupo. De meu lado, digo que o que li de membros da Academia dos Imorríveis está presente em tudo o que escrevo a partir de então, gosto dessa ideia da arte como um fluxo.

A tradutora do russo e autora de *Quimera no buraco negro* prossegue levemente escatológica ao afirmar que “*quando consumimos arte, temos de mastigar e regurgitar pro mundo algo em troca daquilo que ele nos proporcionou [...]*”. Nessa costura, vale ler o que ela “botou pra fora” sobre os escritos de alguns de seus colegas, entre eles os autores desta entrevista:

A literatura de Marco Aurélio é epitelial. Está na pele e nos cabelos. Eu sei que não a sinto toda, porque minha pele e meu cabelo são outros. Intercalando denúncias dolorosas com o direito inalienável de viver no frescor dos dias; a pele alvo de tiro e cassetete num poema, em outro vira alvo do vento, balançando cabelos crespos e livres. A felicidade, para quem nasceu num mundo que o quer triste, passa a ser a mais linda das teimosias (uma das qualidades que mais gosto). Marco escreve teimosamente. É literatura de pele porque a pele é onde acontece nosso contato mais íntimo com o mundo. É uma literatura que diz isso: apesar de tudo, quero ser íntimo do mundo, e o sou.

Já sobre *uma trilha sonora possível*, coletânea de crônicas publicada por Letícia, Thais diz o seguinte:

A literatura de letícia... eu acho que está em dois lugares: no diafragma e nas mãos. Diafragma sem solução, leve, num vai e vem que acompanha as ondas da vida. Uma folha dentro da gente. Lâmina feita de músculo, tinha tudo pra ser terrível e destrutiva, mas apenas ajuda a gente a se achar dentro da confusão de órgãos que é a vida. O diafragma é um chão dentro da gente que diz: tudo bem, pode cair. E mãos porque as mãos são a parte do corpo responsável pela delicadeza dos detalhes. As coisas pequenas. Cada ponta do dedo é uma estrelinha que brilha e que vai andando pelo mundo, fazendo delicado artesanato com as coisas encontradas.

No Maranhão, terra natal de alguns dos imorríveis, há um dito popular que diz “Eu tô é tu!”. Então, se fôssemos vocês, leriam os contos de **Alan Miranda**, para entender por que Thais os considera “uma literatura estomacal, biliar, abdominal, o gancho dentro da minha barriga, trançando as tripas”. Ou ainda os de **Matheus Goudar**: “É uma literatura que faz os olhos irem inchando com o sangue, que suscita espasmos violentos dos membros, que sobre-carrega a mandíbula. Sim, é uma literatura mandibular”.

Para vossa sorte – ou azar – em breve sairá uma antologia dessa turma toda, cuja chamada QUASE ERÓTICO **eric** e **Anelise** explicam em jogonal:

E tem a nossa primeira publicação, como a Academia dos Imorríveis, a gente fez uma chamada interna...

Acho importante colocar como o edital foi feito; tipo, nós por nós mesmos.

Fora que o nosso grupo é bem variado, então tem que pensar nisso, né? Uma parte burocrática, de diagramação... mas que também teve um encontro de formação, de discussão. Não só de fugir dos 50 tons de cinza, esse jeito mais americano, mas também de pensar um edital com formação.

Tem muitos professores, né? Acho que o nosso edital também pensa nisso, da gente se formar.

... Professores, historiadores, escritores, escafandristas, sobreviventes e, acima de tudo, imorríveis. Numa pegada de Chicó, famoso personagem de Ariano Suassuna, “Não sei, só sei que foi assim”, **Anelise** segue:

É a primeira vez que a gente tá fazendo isso enquanto coletivo, então fomos tendo esse carinho desde o começo, de tentar deixar tudo registrado para que fosse aplicável para outras questões, sabe? Então, se outras pessoas tiverem outras ideias dentro do coletivo, já existe uma estrutura para a publicação.

Existe esse cuidado, pois da mesma forma que estamos afirmando que somos um coletivo de corpos dissidentes, também temos um respeito que começa já na produção dos textos, na leitura crítica e na devolutiva. Pensamos em uma coisa muito bacana também, que foi a formação com a Yasmin.

Professora, dançarina de cabaré e violonista de roda de samba, **Yasmin El-Hage** é também pesquisadora do tema e se ofereceu para dar uma formação sobre literatura erótica. Prossegue **Anelise**: *Isso é muito incrível, porque você vê que tem um movimento coletivo acontecendo, né? Uma pessoa escreve o edital, outra revisa e registra, uma dá formação para inspirar a escrita e por aí vai. Tem muito de nós que é pensado, mas também tem uma espontaneidade do que é a coletividade dentro da Academia.*

E, explica **eric**, enquanto essa primeira publicação tá no forno, “a gente tem inscrições em editais, está planejando coisas, conversas com secretarias do Estado e da Prefeitura... Inclusive já há programações dentro da Bienal do Livro e a ideia de um jogo de tarô baseado em *A cartomante*, proposto por **Pedro Araújo**, jornalista e co-autor em diversas antologias”.

Até as cenas dos próximos capítulos chegarem aos espectadores/leitores, finalizamos a entrevista com a pergunta: é possível ser imorrível e não morrer de fome?

Na voz, os Imorríveis

Se o imorrível é aquele que não pode ser morto, como ele sobrevive? O melhor jeito de abrir esse diálogo é começar com **Wallace**, multiartista que mete a mão na massa, literalmente, porque enquanto não está vendendo seus livros nos trens da Supervia, ele faz obras levantando a sua casa e de mais quem solicita seus serviços.

Com a palavra, o também guitarrista da Banda Gente:

Meu processo como escritor também passa pelas minhas mãos no sentido mais literal. Faço o corte, a costura, tudo manualmente. Desenvolvi meu próprio molde usando madeiras de um caixotinho de feira. Com esse molde, apoio os livros e faço todas as marcações necessárias. Uso uma chapa hospitalar como base para os furos e um instrumento que eu mesmo criei: uma maçaneta de porta adaptada com um prego, transformada num furador artesanal. Com esse conjunto, consigo furar os livros já na medida certa, o que facilita muito a minha produção. Depois costuro com uma linha vermelha, passando entre os furos que fiz. Dobro, faço o acabamento com uma

régua e corto as sobras com o estilete. O livro fica bem charmoso, e eu fico muito feliz com o resultado. E os leitores mais ainda.

Quem é frequentador do subúrbio ou morador, como o autor dos livros *Ramal Brasil* e *Os mortos vendo os vivos*, sabe que o trem é um mercado ambulante cujos trilhos transportam também diferentes subjetividades entre a cidade. Nesse sentido, Wallace é um mercador das palavras, que carrega consigo muito mais do que seus livros. Estar negociando literatura no trajeto não deixa de ser uma forma de se posicionar a favor de uma outra escrita, outra forma de fazer cultura. **Viajante** concorda ao dizer que “Viver uma única realidade é um risco muito grande”. Prossegue:

Diante desses obstáculos de acessar a cidade, eu gastava cerca de quatro horas na condução, na ida e na volta, para a nossa formação na ABL. Você sobreviver com arte independente, sendo pai, sendo morador da ZO, sendo de periferia, é um desafio tremendo. Mano, bizarro, tipo, muitas das vezes a sensação que fica é que você precisa largar tudo e buscar a estabilidade que tanto é falada, tá ligado? E você começa a se questionar se aquilo ali realmente é o caminho, né, então o tanto que você tem que acreditar naquilo que está fazendo, pô, não tá escrito. Então, hoje eu vejo uma importância muito grande da gente circular em outros lugares, principalmente não só pensando em colocar sua arte no mundo, mas também trazer outras artes para o lugar de onde você está partindo, tá ligado? Eu acho que o artista tem que ser um pouco inquieto nesse sentido.

Tal ênfase anima **Ionara**, também moradora da Zona Oeste, a comentar a tensão que é o acesso à cidade: O Literalmente elas, coletivo de que também participo, nasceu em Campo Grande, onde há muita cultura, mas há uma carência de apoio público e de equipamen-

tos culturais. Então, mesmo sendo composta por mulheres do Rio de Janeiro inteiro, buscamos fortalecer a nossa região.

Entrevistados em momentos diferentes, a sintonia entre a fala de dois imorríveis nos aquece o coração, ao mesmo tempo que também nos ferve o sangue ao escancararem as desigualdades. Assim, se faz fundamental cruzar essas pontes que, entre outros imorríveis, Ionara e Viajante incentivam por todo o Rio de Janeiro.

Pai de três, **Viajante** segue o flow: *eu preciso fazer a arte circular, porque se eu me mantiver preso naquilo que o próprio sistema quer, vou me render e parar de acreditar. [...] É muita coisa que a gente queria fazer e às vezes não consegue, porque vem a prioridade das crianças, né, mano?*

Ultimamente eu tenho visto muito essa parada, a galera largando a arte e caindo dentro de uma CLT no bagulho doido, tipo assim, uma siderúrgica. Aqui em Santa Cruz rola muito, pra trabalhar de manhã à noite. Aí quando chega em casa tu não faz mais nada, tá ligado? É outro rolê. Uma folga na semana! Em que momento essa pessoa vai ter energia pra ir num evento no final do dia? Pra conseguir, por exemplo, escrever um livro? É muito triste a pessoa perder isso. Então, eu prefiro viver essa correria de acessar a cidade, de pegar a condução, de continuar acreditando. De manter viva a chama.

Para qualquer escritor independente, é necessário cortar um dobrado antes de poder botar na ponta do lápis seus escritos, sem nem contar a publicação de um livro da maneira convencional. Não obstante, aparecem diferentes formas de se expressar, como o verso falado do Slam e a palavra cantada do RAP, assim como os diversos saraus que pululam nas periferias cariocas são exemplos concretos de uma nova forma de fazer acontecer.

O caso de Wallace deixa isso evidente: com muita garra e jogando nas onze posições, ele consegue botar o seu livro na rua. Como diz a gíria, o bagulho é doido e o processo é lento!

Atualmente aposentada do magistério, perguntamos a **Ionara** como é sua lida cotidiana em relação à escrita:

Agora é que tenho mais tempo! Nós, professores da rede pública, somos tratados como mão de obra barata, exatamente porque o Estado, de modo geral, quer formar uma nova leva de mão de obra barata. Então é preciso resistir a isso e mostrar que os nossos alunos podem chegar aonde quiserem chegar. Mesmo que na sala de aula esses alunos estejam com frequência querendo matar a gente. Eles, um dia, talvez, quem sabe, entendam que estamos jogando ao lado deles.

Ou seja, a luta do trabalhador da literatura às vezes acontece até com os jogadores, teoricamente, do mesmo time. Um exemplo disso foi a cerimônia de formatura dos quebradeiras na ABL em 2024. Longe do clima de amistoso, **Viajante** relembra um pouco dessa partida desafiadora:

Eu já esperava que ia ser diferente de tudo que tinha feito, e quando topei a parada, era por conta de saber que precisava daquela experiência de alguma forma. Eu senti que poderia conduzir a cerimônia de uma forma com que a turma fosse se identificar, tá ligado? A Dani, a outra mestre de cerimônias escolhida pela turma, também encarou essa resposta. Então a nossa saída foi fazer a parada com a nossa cara, mesmo.

Foi um momento foda, isso aí não tem como negar, tá ligado? Deu vontade de chorar de alegria, de raiva, foi muito doido! Pude reunir meu pai e minha mãe, minha esposa e nossos filhos nesse sentido da arte, da literatura, do meu trabalho mesmo. Primeira vez,

mano! Primeira vez da minha família, e sei que da família de uma galera da turma também, em uma formatura.

Na tabelinha **Danielle Delaneli**, atriz, escritora e modelo, acrescenta: *o palco da ABL é um espaço que eu não conhecia, nem sabia que eu poderia entrar lá. Eu só fui descobrir quando fui fazer parte da nossa formação. Isso foi muito gratificante para mim, como uma mulher preta, gorda, estar naquele palco como uma pessoa intelectualizada onde só pisam os intelectuais imortais.*

Eu meio que comecei de trás pra frente, porque o caminho natural seria publicar, ser reconhecida e depois estar naquele palco. Embora eu já seja publicada, mesmo antes desse grande reconhecimento, eu já fui reconhecida dentro da minha turma. Isso pra mim foi muito importante!

Entrando na triangulação, **Marco** conta: *a cerimônia não podia ser apenas uma prestação de contas, nem servir apenas como comprovação da postura descolada, antirracista e progressista dos institutos em nossa formação.*

Viajante finaliza: *a galera depois falando, “Porra, tu puxou o grito do Surubão!”, “Caraca, tu chamou fulano assim, assado”, “Pô, tu fez isso e aquilo outro...”. Quando ainda estávamos lá no camarim, eu disse pra Dani: vamos botar uma vibe maneira nesse bagulho hoje!*

Como canta Di Melo, um dos imorríveis das artes que nos inspira, *ele voltou, o imorrível. Ele provou que nada é impossível. Ele inovou durante o tempo inacessível. E o seu show, galera, é mesmo imperdível!*

Foi mesmo imperdível e bastante trabalhoso, mas para os formandos e posteriormente organizados como o coletivo Academia dos Imorríveis, fazer festa é tão coisa séria quanto brincar e nos divertimos à vera, deveras. Na astúcia da capoeira

e inspirados pelo autointitulado “o mais recôndito dos caramujos”, conseguimos deixar nossas unhas de fora, sem perder a compostura, muito menos a qualidade.

Sem falsa modéstia, fica aqui um palpite desses autores de que Machado, agora também imortalizado pelo projeto Negro Muro na medianeira que une o Petit Trianon ao novo prédio da ABL, se orgulharia.

O melhor lugar do mundo é aqui e agora: sobem os créditos

Os créditos só podem subir porque bem lá no começo alguém já estava elaborando meios possíveis para o começo de nossa trajetória como Academia dos Imorríveis.

Heloísa Teixeira, a Helô, desde há muito buscava formas de trazer a margem para dentro da universidade. Sempre dedicada a entender as bordas para questionar o centro, seja com poetas dissidentes, o movimento feminista ou a cultura das favelas, Helô abraçou a periferia para transgredir o instituído.

Assim, a Universidade das Quebradas nasce com a proposta de não somente levar a favela para dentro da universidade, mas afirmar para a própria Academia que no subúrbio existe produção de conhecimento tão rica quanto a produção científica das faculdades. Evidência dessa fartura está na chegada de Helô à ABL: sua cerimônia de imortalização foi acompanhada por dezenas de quebradeiros formados em diversas edições da UQ.

Como versa Nego Bispo, o ciclo da vida é “começo-meio-começo”. E assim foi com a recente partida da Helô, quando mais uma vez os quebradeiros lotaram a ABL para se despedir e dar continuidade à sua luta.

Ionara demarca como os anseios de Heloísa continuam vivos: *parece que agora vão ter quebradeiras ajudando a escolher os próximos quebradeiras, né? Isso era um pedido da Helô, achei muito interessante!*

[...] A edição de 2025 teve muito mais inscrições porque acho que quebrou um pouco essa ideia também da ABL ser uma torre de marfim, principalmente depois que gente como a gente pôde entrar.

Os quebradeiras e Helô mostraram para a Academia Brasileira de Letras que o espaço de gente como a gente é onde acharmos que podemos caber – e, caso não coubermos, damos um jeitinho. Como coração da mulher e mãe que foi, para Helô sempre coube mais um desde que estejamos dispostos a ficar.

E seria fácil terminar esse texto sobre a Academia dos Imorríveis com a morte de uma imortal. Contudo, o leitor que nos acompanhou até aqui já percebeu que preferimos complicar para explicar, então vamos encerrar nossas palavras com uma homenagem a uma pessoa em vida: tudo o que alcançamos aqui como coletivo só acontece também pela dedicação da **Rosângela Gomes**, a nossa Rô, que mesmo preferindo os bastidores é linha de frente.

Como uma maestra, rege o funcionamento da UQ, ao lado das burocracias e cobranças, também incentivando seus quebradeiras a fazerem o que fazem de melhor. Seja agitar um churrasco, um sarau em um bar regado a cerveja gelada, ou então não nos deixando desistir das dores e dos amores que é viver pela escrita.

Tudo que nós tem é nós

Este texto é resultado de entrevistas realizadas durante os meses de abril e maio de 2025, ora na Biblioteca Parque, ora comendo uma esfiha no SAARA, como também de maneira remota,

por Meet, WhatsApp e um pouco de invencionática. Por tudo isso responsabilizam-se os autores:

Letícia W. Magalhães formou-se em Letras-Português pela UFPR em 2007 e, desde então, dá aulas para adolescentes. Paralelamente, integrou equipes de projetos culturais. Na área editorial trabalha com revisão e como *ghost writer* e já escreveu uma coleção de livros didáticos de Literatura/Ensino Médio. Em 2019, estreou na ficção como cronista. Atualmente vive no Rio de Janeiro, onde se equilibra em cada uma dessas frentes relacionadas às palavras.

Marco Aurélio da Conceição Correa é carioca, pedagogo, escritor e cineasta amador. Brinca de dar aula, escrever livros e fazer cinema. É professor da rede pública do Rio de Janeiro, doutorando em educação pela UERJ e agitador cultural da ECA Àwòrán e do *Cinemanguinhos*. É autor do romance *Câmera Escura*; dos infantis *Luiza e o Som do Tempo* e *Menino Zózimo vai ao cinema*; dos poemas de *Calema Pequena*, do teórico *Cinemas Afro-atlânticos* e dos contos *Necropoéticas*.

O coletivo **Academia dos Imorríveis** é formado por 35 autores, dentre os quais alguns foram entrevistados para esta publicação:

Ana Maria Christine Lima da Silva é psicóloga, especialista em Direitos Humanos e Educação. Atua como produtora cultural em projetos que conectam arte, memória e cuidado. É também dançarina, com trajetória voltada às expressões afrodiaspóricas.

Anelise Martins é neta de Jacira, filha de Eliane. Graduada em História pela UFRJ e especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais pelo Colégio Pedro II, escolheu a escrita literária como um caminho de memória.

Danielle Delaneli é professora, atriz, escritora, crítica, produtora e modelo.

eric paiva é petropolitano, favelado, escritor, roteirista e ex-escorpiano. É especializado em Ficção Especulativa e Afrofuturismo. Publicou os livros *Qual a cor do tempo?* (Editora Buva) e *Crônicas de um Afroamanhã* (100+ PALAVRAS)

Ionara S. de Oliveira é mestra em Cultura e Territorialidades, professora das Redes Públicas Estadual e Municipal do Rio, especialista em Literaturas Infantojuvenil e Brasileira, mediadora de leitura, poeta, participante de coletâneas e integrante de coletivos de leitura.

Thais C. nasceu em Botucatu/SP, mora em Niterói e é mestra em Teoria da Literatura, escritora, tradutora e revisora.

Viajante Lírico é cria de Paciência, morador de Antares e um representante da poesia falada e da literatura periférica. É arte-educador, poeta, escritor, MC, ator, fotógrafo, *filmmaker*, produtor cultural, comunicador popular, artista do selo Marginow, co-fundador do Portal Comunicria e do Movimento Organizado de Valorização Artística (MOVA).

Wallace Cruz é escritor, guitarrista, compositor, artista de rua nos trens, bares, praças, e até grandes palcos, poeta, romântico, introvertido e leonino.



Academia dos Imorríveis

>>> Recebida em 28/11/2025 Aceita em 06/02/2026